

Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. (C. M. Medeiros, Trad.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N1A20

Reinaldo dos **Santos**¹
Cátia de Castro **Dias**

Existiu um tempo que conceitos eram sólidos: ideias, ideologias e relações. Presenciavam-se vários tipos de pensamentos que moldavam a maneira que as pessoas se interagiam. Já no século XX, diante da evolução da tecnologia com as guerras e a política em constante confronto, deu-se a queda desse mundo sólido e surge a pós-modernidade.

O mundo pós-moderno traz com ele a fluidez do líquido, ignorando divisões e obstáculos, assumindo um novo molde e reformando os espaços, fluidificando as certezas, crenças e práticas do mundo sólido e é em tempos líquidos que Bauman mostra sua maneira de enxergar o mundo, tal como é, em contraste do mundo sólido para mundo líquido. Neste sentido, em suas obras mais recentes o autor tem usado o termo 'liquefação' ou 'fluidez', como uma metáfora apropriada para manifestar-se o dinamismo do processo de transformações entre a modernidade e o momento atual, que o próprio Bauman entende como uma pós-modernidade.

280

Na introdução denominada: "Entrando corajosamente no viveiro das incertezas", o autor mostra que atualmente estão ocorrendo algumas mudanças, que criam um ambiente novo para as atividades da vida individual levando a uma série de desafios inéditos. Bauman apresenta cinco desafios que os indivíduos da atual modernidade têm enfrentado.

O primeiro é o da passagem da fase 'sólida' da modernidade para a 'líquida' que atinge as organizações sociais, fazendo com que a mesma não se assegure mais a manter suas formas por muito tempo, pois, se decompõe e se dissolve mais rápido que o tempo que leva para moldá-las.

Em segundo lugar é presenciado a separação entre poder e política, devido a isso, os órgãos do Estado 'subsidiaram' e terceirizaram grande parte de suas responsabilidades, que foram deixadas sob as atividades das redes privadas.

Um terceiro aspecto é o enfraquecimento dos laços inter-humanos em uma sociedade cada vez mais vista e tratada como uma 'rede' em vez de uma estrutura, diante disso o que se percebe são as relações se tornando cada vez mais temporárias.

Em quarto lugar, podemos destacar a falência do pensamento, da elaboração de ações a longo prazo que estão evidenciando um percurso de profundos desgastes, seja nas estruturas

¹ Endereço eletrônico de contato: rsantospsico@gmail.com

Recebido em 08/05/2019. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 12/06/2019.

Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 280-284



sociais cada vez mais enfraquecidas ou mesmo seu desaparecimento, assim como os indivíduos passam por constantes adaptações devido às mudanças de trajetórias.

Ainda partindo dessa reflexão, em quinto lugar, podemos evidenciar que as dificuldades diante dos obstáculos criados frente as situações adversas são comuns ver as responsabilidades em solucionar esses problemas sendo diretamente lançadas sobre os indivíduos.

No primeiro capítulo, intitulado “A Vida Líquido-Moderna e Seus Medos”, Bauman enfatiza sobre as diversas formas de globalização que tirou os obstáculos de todas as normas, agora tudo pode ser avistado e compartilhado de qualquer lugar. O autor expõe sua apreensão em relação ao Estado-Nação, por não ter a capacidade de dar respostas aos estímulos universais.

Na perspectiva de Bauman, todas as sociedades são agora total e verdadeiramente abertas, seja material ou intelectualmente. Junte os dois tipos de ‘abertura’ – a intelectual e a material- e verá por que toda injúria, privação relativa ou indolência planejada em qualquer lugar é coroada pelo o insulto da injustiça.

A sociedade se sente insegura com a falta de proteção do Estado, não há mais uma confiabilidade assegurada a este. Ela agora está desprotegida a mercê das atrocidades, essa sociedade ‘aberta’, como diz o autor é uma sociedade exposta aos golpes do ‘destino’. O autor ressalta que num planeta negativamente globalizado, a segurança não pode ser obtida, muito menos assegurada, dentro de um único país ou de um grupo selecionado de países.

281

Em “A humanidade em movimento” segundo capítulo do livro, Bauman nos chama a atenção para outro problema provocado pela insegurança que é o medo existencial, segundo ele, nas palavras de David L. Altheide, o principal não é o medo do perigo, mas aquilo no qual esse medo pode se desdobrar.

Nessa lógica, desde os sistemas de segurança até prevenções de possíveis doenças, dá um sinal de que as pessoas querem ao menos ter uma sensação de segurança, sendo uma forma de buscarmos alvos substitutos sobre os quais possamos descarregar o medo existencial excedente que foi barrado de seus escoadouros naturais, e encontramos esses alvos paliativos ao tomarmos cuidadosas precauções.

Outro ponto abordado pelo autor ainda em conexão com a insegurança, é o da guerra ao terror, destacando o atentado ao World Trade Center e seus desdobramentos com o grupo terrorista Al-qaeda. Bauman faz críticas ao governo estadunidense de provocar e aumentar ainda mais o terrorismo ao invés de combatê-lo, em consequência disso o que se nota é o elevado índice de insegurança na escala global.

Nesse cenário de caos e terror ante a uma sociedade enfraquecida e amedrontada, Bauman ressalta que o problema é unir novamente o poder e a política, isto é, sendo a enorme tarefa que provavelmente confrontará o século atual como seu desafio supremo.



No terceiro capítulo, Bauman mostra a inexistência da segurança partilhada em uma grande rede de pessoas conectadas a ela, visto que, os vínculos inter-humanos se tornaram ainda mais instáveis e os laços da sociedade são inconsistentes, pois o que se nota é uma sociedade onde o elo é aleatório.

O autor ainda nos chama a atenção para os temas: Estado, democracia e administração do medo. Para o autor, o sofrimento humano é devido à insegurança contemporânea, e que, na busca por uma absoluta segurança o que fica evidente é o medo diante das perversidades dos seres humanos. Nisso coube ao Estado moderno administrar a existência desse medo.

Ao fim do capítulo Bauman detalha a forma sólido-moderna de conduzir o medo, em que há troca de solidariedade para competição e os vínculos subdivididos surgindo o protagonista do cidadão de direito. Bauman ainda correlaciona direitos pessoais e direitos políticos afirmando que não há nem uma possibilidade de haver um sem o outro que ambos são inseparáveis, no entanto, segundo o autor esses direitos não são cumpridos como deveriam, mostrando que os menos favorecidos de fato estão democraticamente excluídos,

Surge então, demasiada, as novas “classes perigosas” constituídas pelos inapropriados, ocupando o lugar dos excedentes, sendo os desempregados e criminosos os inclusos nesse contingente de excedente, porém, o autor afirma que houve uma reforma política diante das realidades sociais.

282

No capítulo quatro com o título “Fora de alcance juntos”, Bauman retrata a alta aglomeração de pessoas nos centros urbanos, isto é evidente que o perigo está mais próximo que se imagina. Ele afirma que o combate contra a insegurança é feito nos locais urbanos onde existem prédios com segurança de alta tecnologia, ruas com os mais modernos sistemas de vigilância, ao mesmo tempo a um distanciamento local entre os espaços urbanos dos ‘desconectados’ e a elite que vive num verdadeiro exílio interno.

Nesse sentido Bauman diz que há dois mundos separados e segregados onde um pertence à camada superior, logicamente despreocupado em seu conforto diário e o da classe inferior que lutam pela sobrevivência. Conforme o autor existe um muro nessa divisão de espaço habitacional que faz o gueto voluntário dos ricos e o gueto voluntário dos pobres. Segundo o autor, o medo e o preconceito e as incompatibilidades reforçam ainda mais essa divisão.

Segundo Bauman os planejamentos de territórios são para preservar a segurança de uma minoria, isto é, diante da crescente violência urbana cria-se o estigma isolamento urbano em massa. O cenário que se tem, são as cidades como campos de batalha, onde os poderes globais, os significados e identidades locais se confrontam e nesse confronto é que se move a cidade líquida moderna.

Bauman apresenta o paradoxo da globalização de tudo e a tendência da política ser local. Logo, as políticas são remodeladas por procedimentos globais, visto que, os fluxos globais são



angustiantes e levam à marginalização social, as pessoas se tornaram estranhas uma das outras e com isso incentiva as tendências segregacionistas. Com isso diz o autor, que são manifestações da mixfobia, ou o medo generalizado da multiplicidade que abriga os centros urbanos. Por outro lado, tem a mixfilia que é a ação de atração. Segundo Bauman, esses dois conceitos podem se misturar, onde, nos espaços urbanos surgem os problemas locais, ao mesmo tempo em que é também um lugar onde possa ser resolvida a questão das diferenças.

No capítulo cinco, Bauman tematiza “Utopia e Incerteza”. Ele diz que uma adversidade é incômoda quando surpreende e nos deixa na incerteza e quanto ao um mundo perfeito, o que se vê é uma utopia, dito isto, o autor retrata historicamente a utopia atualizando-a na contemporaneidade. Para melhor compreensão o autor utiliza a metáfora do jardineiro e do caçador, em que, o primeiro é mais zeloso com a utopia e o último se importa apenas com a caça. Bauman nos mostra que estamos ficando cada vez mais caçadores não havendo mais espaços para as indagações utópicas e as influências da globalização privilegiam a caçada e os caçadores.

Em sua perspicácia, Bauman mostra como os sonhos de se viver em um mundo melhor (utopia), podem trazer um novo sentido para a vida, no entanto, ele diz que é um esforço ininterrupto para se manter entre os caçadores. Nesse sentido a luta para continuar na corrida se torna uma preocupação, devido ao que, segundo o autor o problema é que a caça ou corrida se torna obsessão e o fim da caça é apavorante. Caçar é outra utopia (bizarra) que promete prêmios que se não podem ser alcançados e os caçadores não param de caçar.

E por fim, no encerramento da obra, Bauman nos mostra a expectativa que se tem na busca de uma utopia momentânea e líquida diante de cada sonho vivido, nos encoraja na busca pela utopia diante das incertezas que surgem na atualidade, pois ter o foco nesta utopia nos faz acreditar que o mundo incerto precisa encontrar o caminho para a integração, levando em consideração os sonhos dos utopistas.

Portanto, ler *Tempos Líquidos* de Bauman ajuda-nos a averiguar elementos expressivos para o progresso das ciências humanas e sociais, aprimorando nossa análise reflexiva no tocante a possibilidade de resgate do Estado-Nação deste atual contexto. Precisamos voltar a nos tornarmos mais jardineiros e caçarmos menos. Precisamos cuidar mais dos nossos jardins.

Considera-se aqui uma obra redigida com argumentação sólida, entretanto destaca-se que a análise da obra depende de conhecimento prévio do conteúdo devido ao fato de possuir uma linguagem muito específica.

A leitura de *Tempos Líquidos* nos oferece uma reflexão instigante que ajuda a pensar os problemas contemporâneos, especificamente sobre a insegurança existencial na modernidade.

Indica-se o conteúdo dessa obra ao público em geral, porque se trata de um tema que é de interesse universal, pois a segurança é algo que na atualidade está inatingível a muitos. E mais



especificamente recomenda-se aos sociólogos e psicólogos que investigam e estudam questões relacionadas à problemática apontada nesse livro.